

UMA NECRÓPOLE ESQUECIDA? O CASALÃO DE SANTANA (SESIMBRA)¹.

Francisco B. Gomes

UNIARQ – FCT

Resumo:

Identificada e escavada em meados dos anos 50 do século passado, a necrópole sidérica do Casalão (Sesimbra, Portugal) mereceu escassa atenção por parte da investigação posterior. Os dados hoje disponíveis sobre o mundo funerário da Idade do Ferro do Sul de Portugal permitem contudo avançar com uma revisão da sua cronologia e, conseqüentemente, da sua integração cultural. A análise comparativa do tipo de arquitectura funerária patente nesta necrópole justifica, além disso, algumas considerações sobre as lógicas socioculturais que determinam a diversidade formal dos contextos da morte de meados do I milénio a.n.e. no Sul de Portugal.

Palavras-chave: Necrópole do Casalão; Segunda Idade do Ferro; práticas funerárias; cistas.

Resumen:

Identificada y excavada en los años 50 del pasado siglo, la necrópolis de Casalão (Sesimbra, Portugal) ha merecido escasa atención por parte de la investigación posterior. Los datos hoy disponibles sobre el mundo funerario de la Edad del Hierro en el Sur de Portugal permiten no obstante un intento de revisión de su cronología y, consecuentemente, de su integración cultural. El análisis comparativo del tipo de arquitectura presente en esta necrópolis justifica, además, algunas consideraciones sobre las lógicas socioculturales que determinan la diversidad formal de los contextos de la muerte de mediados del I milenio a.n.e. en el Sur de Portugal.

Palabras-llave: Necrópolis de Casalão; Segunda Edad del Hierro; prácticas funerarias; cistas.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A necrópole do Casalão foi identificada em 1956 no contexto dos trabalhos de ampliação do depósito de água que servia a localidade de Santana, concelho de Sesimbra (figs. 1 e 2); a descoberta de duas sepulturas no contexto de acções de desaterro relacionadas com a referida obra despoletou a intervenção de Eduardo da Cunha Serrão que, a par de Rafael Monteiro, levou a cabo no sítio diversos trabalhos de levantamento arqueológico, quer acompanhando o decurso da obra quer realizando um conjunto de valas de diagnóstico em área anexa ao depósito de água já após a sua conclusão, que permitiram documentar um pequeno conjunto de cinco sepulturas, dadas a conhecer detalhadamente poucos anos mais tarde (Serrão, 1964).

¹ Artículo recibido el 13-12-12 y aceptado el 4-11-13

A descoberta deste conjunto funerário não despertou, então, qualquer atenção considerável, facto que provavelmente deverá imputar-se quer à simplicidade e pobreza das estruturas e dos espólios aí exumados, quer ainda às dificuldades que se colocavam à sua correcta integração cultural e cronológica (v. *infra*).

Com efeito, o prolífico investigador sesimbrense procurou no trabalho que dedicou ao estudo desta necrópole aduzir, dos dados que os seus trabalhos lhe permitiram exumar, parâmetros cronológicos e, conseqüentemente, culturais que permitissem situá-la e interpretá-la de forma satisfatória, tendo acabado por defender, com argumentos efectivamente sólidos à luz dos conhecimentos então disponíveis, o seu enquadramento naquilo que hoje entenderíamos como um momento avançado da II Idade



Fig. 1- Localização geográfica da necrópole do Casalão

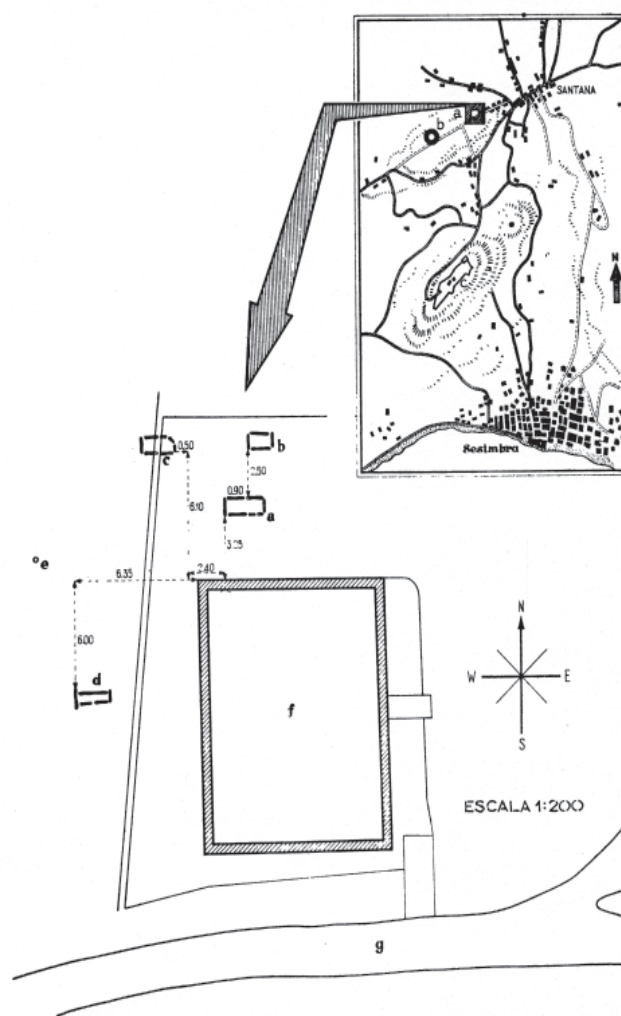


Fig. 2- Topografia e planta de conjunto da necrópole do Casalão (segundo Serrão, 1964)

do Ferro, propondo uma cronologia algures entre «o início do século III e os meados do século I a.C.» (Serrão, 1964: 38).

A problemática do enquadramento crono-cultural do sítio praticamente não foi retomada nem aprofundada pela investigação posterior que, com efeito, e salvo

contadas excepções (Serrão, 1994: 56-58; Cardoso, 2000: 72; AA.VV., 2009: 31 e 79; ultimamente, Vilaça, 2012), raramente referenciou a necrópole do Casalão; a tal facto não será seguramente estranha a relativa proximidade desta a dois outros contextos funerários proto-históricos de elevadíssima visibilidade no discurso arqueológico – a Roça do Casal do Meio (Calhariz, Sesimbra), do Bronze Final (Spindler & Ferreira, 1973; Spindler *et al.*, 1973-1974), e o Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), da Idade do Ferro (Correia, 1928; Paixão, 1970; Arruda, 1999-2000: 72-86) – que de certa forma secundarizam este pequeno e relativamente pobre conjunto funerário.

Creio, não obstante, que uma discussão mais alargada dos parâmetros cronológicos e socioculturais do sítio à luz dos dados entretanto acumulados sobre as práticas funerárias proto-históricas no Sul do actual território português poderá lançar alguma luz sobre a posição desta necrópole, virtualmente esquecida, no processo histórico desenrolado durante o I milénio a.n.e. no território da Península de Setúbal e Baixo Sado, contribuindo por outro lado para a discussão de questões mais vastas relacionadas com a diversidade dos comportamentos funerários sidéricos e com as lógicas sociais e culturais que lhe estão subjacentes.

AS SEPULTURAS: ESTRUTURA, ORGANIZAÇÃO E DEPOSIÇÕES.

Os trabalhos de E. da Cunha Serrão e de R. Monteiro permitiram documentar, como referi acima, um total de cinco sepulturas de inumação de morfologia rectangular *grosso modo* regular, definidas por lajes de calcário local, sem retoque ou apenas ligeiramente afeioadas, cravadas na vertical, com coberturas realizadas com lajes do mesmo tipo (figs. 3 e 4). A sua descrição detalhada, sempre segundo E. da Cunha Serrão (1964: s/p), é a seguinte:

-Sepultura n.º1 – orientação do eixo maior Este-Oeste; definida por duas lajes no lado Norte, três no lado Sul, e uma em cada cabeceira; apresentava um comprimento de 1,80m, uma largura de 0,75m e uma profundidade de 0,70m; encontrava-se coberta por uma tampa, de que se documentaram duas lajes;

-Sepultura n.º2 – segue a mesma orientação da anterior; definida por uma laje em cada um dos lados, formando um monumento de tipo cista; apresentava um comprimento de 1,40m, uma largura de 0,75m e uma profundidade de 0,70m; encontrava-se coberta, aparentemente, por uma única laje;

-Sepultura n.º3 - segue a mesma orientação das anteriores; definida por duas lajes no lado Norte, duas no lado Sul, uma na cabeceira Oeste e duas na cabeceira Leste; apresentava um comprimento de 1,75m, uma largura de 0,65m e uma profundidade de 0,58m;

-Sepultura n.º4 - segue a mesma orientação das anteriores; definida por duas lajes no lado Norte, duas no lado Sul e uma em cada cabeceira; apresentava um comprimento (máximo) de 1,71m, uma largura (também máxima) de 0,66m e uma profundidade de 0,65m;

-Sepultura n.º5 - segue a mesma orientação das anteriores; definida por uma laje no lado Norte, duas no lado Sul e uma em cada cabeceira; apresentava um comprimento de 1,75m, uma largura de 0,35-0,40m (alterada por factores pós-deposicionais) e uma profundidade de 0,50m.

O aspecto das sepulturas, segundo as observações de E. da Cunha Serrão (1964: 18), é de «rudeza (...) que resulta das dimensões agigantadas das lajes e do seu afeiçoamento tosco, quando houve afeiçoamento», facto que pode efectivamente comprovar-se na documentação fotográfica por si publicada; a sua orientação e organização parece, contudo, ser razoavelmente regular.

As sepulturas aparentam, por outro lado, ter sido fundamentalmente individuais, tendo-se observado que o cadáver foi invariavelmente deposto em decúbito dorsal. Num único caso, o da sepultura n.º 2, o aparecimento de duas calotes cranianas levanta a hipótese de a sepultura ter recebido um enterramento duplo ou, alternativamente, de ter sido objecto de reutilização, facto que contudo não parece totalmente comprovado. Os inumados parecem ter sido depostos com a cabeça voltada a Poente, com excepção do indivíduo da Sepultura n.º3, que apresenta a orientação inversa.

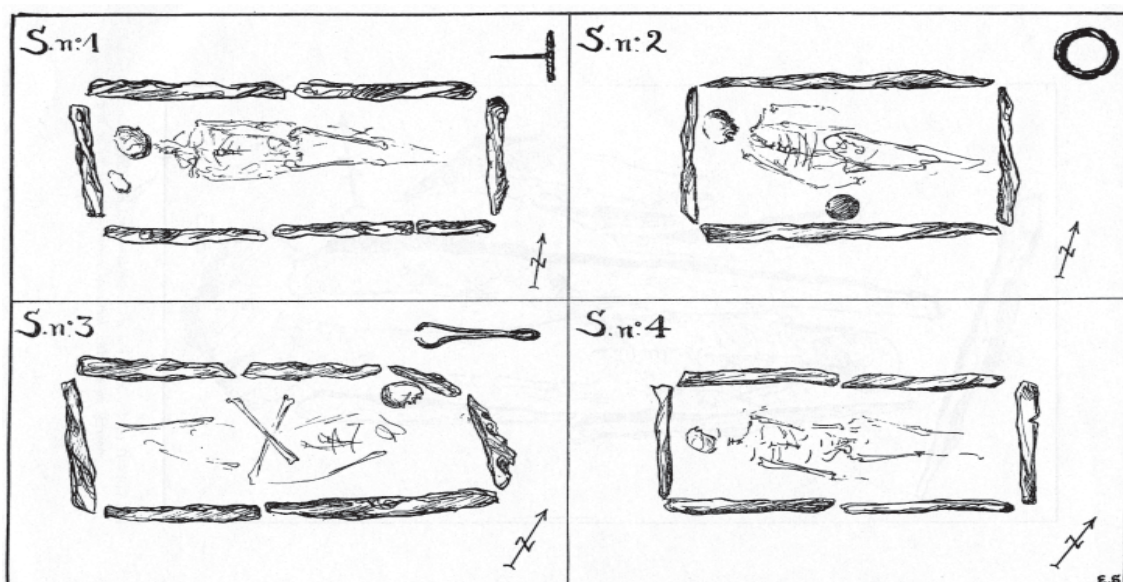


Fig. 3- Planimetria das sepulturas 1 a 4, com representação esquemática dos vestígios osteológicos e dos principais elementos de espólio (segundo Serrão, 1964, sem escala no original)

Deve ainda referenciar-se o achado, numa área a Oeste das sepulturas onde não pôde documentar-se a existência de qualquer estrutura sepulcral, de um crânio humano isolado, que poderia relacionar-se com violações ou revolvimentos antigos, hipótese à qual E. da Cunha Serrão (1964: 19-20) contrapõe o facto de o achado se ter dado em cota

semelhante à das restantes sepulturas sem que se documentasse qualquer perturbação, o que poderia apontar, como sugere, para a existência de sepulturas em fossa simples, quase totalmente desaparecidas, ou para a realização de deposições secundárias, quiçá de natureza ritual.



Fig. 4- Sepultura 5 (segundo Serrão, 1964, sem escala no original)

O estudo sistemático do espólio osteológico da necrópole do Casalão nunca foi realizado, embora a recente publicação da nova Carta Arqueológica de Sesimbra (AA.VV., 2009) tenha trazido à luz alguns dados que devem mencionar-se. Com efeito, refere-se aí um estudo técnico, inédito, realizado sobre uma parte do conjunto antropológico exumado naquele conjunto funerário; o exame incidiu sobre dezasseis elementos ósseos depositados no Museu Municipal de Sesimbra (Marques, 2005), conjunto no qual se terá identificado um mínimo de quatro indivíduos, dos quais um do sexo feminino (Marques & Silva, 2009: 148), não havendo menção à relação daqueles com sepulturas concretas; no mesmo contexto referencia-se ainda a existência de outros elementos antropológicos provenientes da mesma necrópole, todavia por analisar (*ibidem*).

O ESPÓLIO

Uma das razões que tornou – e torna – o enquadramento cronológico deste conjunto funerário extremamente problemático é o facto de nele se ter exumado um espólio (fig. 5) que, além de pouco numeroso e em relativo mau estado de conservação, não possui igualmente particulares virtualidades datantes.

Se a escassez de pontos de comparação e de estudos tipológicos que, nos anos 50 e 60, condicionou a abordagem de E. da Cunha Serrão se encontra hoje, em certa

medida, ultrapassada, os materiais do Casalão continuam, não obstante, a não constituir argumento definitivo para a atribuição de uma datação concreta a esta necrópole, embora possa hoje avançar-se com algumas considerações adicionais.

Começando por uma listagem sumária por sepultura, o espólio exumado foi o seguinte:

-Sepultura n.º1 – parte de uma fíbula (mola bilateral e fuzilhão); fragmentos de hematite;

-Sepultura n.º2 – possível mó manual; anel de bronze;

-Sepultura n.º3 – pinça de bronze; fragmentos de hematite; em torno da sepultura, mas no seu exterior, ter-se-ão ainda recolhido fragmentos (inclassificáveis?) de cerâmica a torno;

-Sepultura n.º4 – sem espólio, facto que poderá atribuir-se à cota superficial a que foi detectada;

-Sepultura n.º5 – faca afalcatada de ferro, colocada junto ao crânio.

Como pode apreciar-se nesta enumeração, nenhuma das sepulturas ofereceu um espólio particularmente rico ou diversificado, ou particularmente expressivo no que ao enquadramento crono-cultural das inumações associadas diz respeito; algumas das peças merecem, ainda assim, um comentário um pouco mais detalhado.

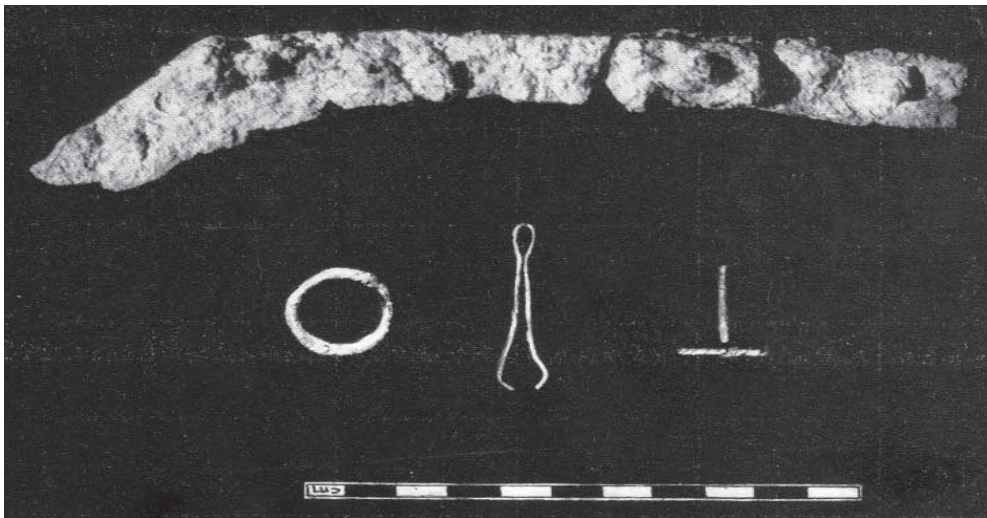


Figura 5 - Conjunto do espólio exumado na necrópole do Casalão (segundo Serrão, 1964)

Começando pela *faca afalcatada de ferro* (fig. 6), elemento que E. da Cunha Serrão considera decisivo para a adscrição cronológica da necrópole, pois obriga «a considerar que o sepulcro n.º 5 não pode ser de qualquer época pré-histórica, sequer do bronze final...» (Serrão, 1964: 33), a peça encontrava-se, tanto quanto se pode depreender da documentação fotográfica publicada, num estado relativamente bom de conservação; o seu comprimento máximo, segundo a descrição oferecida por E. da Cunha Serrão (1964:

28-29), é de 17,5cm, conservando a uma boa porção lâmina (a que falta apenas a extremidade distal), mostrando uma acusada quebra em ângulo obtuso no dorso, uma zona engrossada, de secção cilíndrica, que estabeleceria a conexão com o cabo, e a lingueta laminar que permitiria o encabamento.

No que diz respeito ao possível enquadramento cronológico desta peça, gostaria em primeiro lugar de referir que a asserção taxativa feita pelo investigador sesimbrense, e acima citada, em que afirma que a presença de um elemento deste tipo exclui qualquer cronologia anterior à Idade do Ferro não poderia hoje sustentar-se com a mesma



Fig. 6- Pequena faca de ferro afalcatada da Sepultura 5 (segundo Serrão, 1964, sem escala no original)

facilidade. Com efeito, nos últimos anos, tem-se vindo a documentar com certa frequência a presença de elementos de ferro, entre os quais diversas lâminas de pequenas facas afalcatadas, em contextos

atribuíveis ao Bronze Final (Vilaça, 2006), peças que se têm vindo a conotar com os fenómenos colectivamente designados como de «pré-colonização», mas que serão mais propriamente a expressão, a par de diversos outros elementos, em particular peças de adorno e/ou relacionadas com a estética corporal, de contactos esporádicos, embora recorrentes, da fachada atlântica peninsular com os circuitos comerciais mediterrâneos (Arruda, 2008; Vilaça, 2008).

As peças exumadas em contextos do Bronze Final, contudo, apresentam-se em geral num avançado estado de degradação, e levantam problemas a um qualquer ensaio de aproximação tipológica, tanto mais que o exemplar geograficamente mais próximo que poderia, hipoteticamente, interpretar-se como faca afalcatada – a peça proveniente da Quinta do Marcelo (Almada) (Barros, 1998) – se encontra apenas esquematicamente publicada.

As pequenas facas afalcatadas fazem parte integrante, por outro lado, dos inventários das necrópoles sidéricas do território português até momentos relativamente tardios dos séculos VI e V a.n.e., como o atestam a sua presença em diversos sítios da região de Ourique explorados por C. de Mello Beirão e pelos seus colaboradores – nomeadamente em Fernão Vaz (Beirão, 1986: 115) e nas necrópoles da Chada (*idem*: 92) e da Herdade do Pêgo (Dias, Beirão & Coelho, 1971: 211) – ou no recentemente descoberto conjunto funerário da Vinha das Caliças (Beringel, Beja) (Arruda *et al.*, em preparação), presença que encontra, por outro lado, paralelos em contextos do território actualmente espanhol, de que poderíamos mencionar, a título de exemplo, a necrópole *extremeña* de Medellín, onde as peças mais próximas do exemplar em apreço se agruparam no Tipo

3, caracterizado por um dorso com curvatura acentuada e um estreitamento da lâmina na extremidade distal e considerado o mais tardio dentro da sequência tipológica documentada naquela necrópole, com cronologias que recobrem todo o século VI a.n.e. (Lorrio, 2008: 568-569).

Peças com morfologias muito próximas daquela de que nos ocupamos, nomeadamente no que diz respeito à acusada inflexão do dorso, podem ainda encontrar-se nos sítios também *extremeños* de Cancho Roano (Kurtz, 2001: 319-321) e La Mata de Campanario (Rodríguez Díaz, 2004: Figuras Ct-25, Ct-74 e Ct-217), o que permite ampliar o seu arco cronológico até ao século V e à primeira metade do século IV a.n.e.

O significado cronológico da peça do Casalão, na ausência de estudos de pormenor para o ocidente peninsular que permitam detectar qualquer indicador crono-tipológico seguro, é assim relativamente reduzido; importaria no entanto realçar a sua proximidade formal com peças enquadráveis em momentos relativamente tardios, do século VI a meados do IV a.n.e., dado que adquire um significado acrescido quando cruzado com outros dados que adiante comentaremos.

Quanto à pequena *pinça* de bronze exumada na sepultura n.º3, trata-se de uma peça produzida sobre uma pequena lâmina com 0,6cm de largura e 0,1cm de espessura, com um comprimento máximo de 4,2cm, apresentando um ligeiro alargamento na porção proximal que poderia, à semelhança do documentado em outras peças do mesmo tipo, destinar-se à sua suspensão num qualquer elemento não conservado (Serrão, 1964: 27-28).

Uma vez mais, peças deste tipo podem encontrar-se num amplo arco cronológico, que remonta, novamente, ao Bronze Final, podendo a este respeito citar-se o paralelo, muito próximo tanto do ponto de vista geográfico como do ponto de vista morfológico, da pequena *pinça* exumada no monumento funerário da Roça do Casal do Meio (Calhariz, Sesimbra) (Spindler *et al.*, 1973-1974: 119), conjunto que uma recente datação por ¹⁴C veio situar entre meados do século XI e finais do IX a.n.e. (Vilaça & Cunha, 2005: 52). Peças do mesmo tipo estão também presentes em diversos outros contextos do Bronze Final do Centro do território português (Vilaça, 2008), onde se têm interpretado, à semelhança das suas congéneres centro-europeias, como elementos associados à estética corporal, nomeadamente masculina (Treherne, 1995; Vilaça, 2009).

No Sul de Portugal, contudo, peças muito semelhantes têm vindo a ser documentadas em contextos funerários ditos Pós-Orientalizantes, como a já citada necrópole da Vinha das Caliças (Arruda *et al.*, em preparação), incluída neste caso num pequeno *kit* de cosmética que incluía igualmente uma pequena colher e um bastonete; no caso da necrópole baixo alentejana, esta peça encontrava-se associada a um indivi-

duo do sexo feminino. A cronologia proposta para esta necrópole, centrada na segunda metade do século VI e inícios do V a.n.e., demonstra a assinalável perduração destes elementos nos repertórios do actual território português, limitando uma vez mais o potencial datante da peça do Casalão.

O pequeno *anel* de bronze exumado na sepultura n.º2, formado por um aro de secção circular e com 1,6 a 1,7cm de diâmetro interno (Serrão, 1964: 28) suscita poucas ou nenhuma considerações adicionais, por se tratar de um elemento perfeitamente genérico, que pode encontrar-se nos inventários de numerosos sítios proto-históricos, e inclusivamente posteriores.

Resta, assim, a última peça deste pequeno conjunto – visto que a possível mó manual, de que não se publica qualquer documentação gráfica, parece revestir-se de escasso valor para a presente discussão, visto ter-se exumado dentro da sepultura n.º2, mas no topo das terras que a preenchem, e que dos fragmentos de hematite das sepulturas nn.º2 e 3 pouco mais pode dizer-se do que, como refere R. Vilaça (2006: 98), que a sua presença sugere uma forte valorização simbólica do ferro –, a fíbula (ou parte dela) exumada na sepultura n.º1 (Serrão, 1964: 25-27).

A sua adscrição tipológica segura foi considerada por E. da Cunha Serrão (*ibidem*), com a devida prudência, como virtualmente impossível, dado o seu estado fragmentário e incompleto; de facto, deste elemento de indumentária pôde apenas exumar-se a mola, bilateral e em espiral de seis voltas, e o fuzilhão, de secção circular. Mesmo hoje, e com o manancial de informação entretanto acumulado e com as numerosas análises tipológicas que se dedicaram às fíbulas proto-históricas peninsulares, a integração tipológica desta peça – e sobretudo sem uma análise directa da mesma – permanece extremamente problemática.

Podem, contudo, tecer-se algumas considerações quanto à possível classificação desta peça. O tipo de mola documentado parece excluir *a priori* a atribuição a uma peça de cronologia antiga, não se compaginando com os tipos próprios do Bronze Final nem tão-pouco com os Tipos Alcores ou Bencarrón, da I Idade do Ferro. Parece também de excluir, pelo desenvolvimento rectilíneo da mola, a atribuição a qualquer uma das variantes do Tipo Anular Hispânico.

A interpretação desta peça como uma fíbula de *Tipo Acebuchal* – Ponte 9 (Ponte, 2001) não é impossível, embora levante problemas cronológicos não despreciandos que adiante teremos oportunidade de comentar. A alternativa que considero de momento mais viável é, portanto, a atribuição do exemplar da Necrópole do Casalão a uma fíbula de *Tipo La Tène I*, em particular a um exemplar enquadrável no Tipo Ponte 24 (*ibidem*, com paralelos).

A QUESTÃO DA CRONOLOGIA.

A fíbula a que me referia nos parágrafos precedentes constitui, apesar de todas as reservas que o estado de conservação da peça inspira, o principal indicador arqueográfico para a datação do conjunto funerário do Casalão. Importaria, contudo, e neste ponto, avaliar a adequação cronológica das duas hipóteses de enquadramento tipológico acima propostas relativamente aos restantes dados disponíveis para melhor avaliar da hipotética pertinência de cada uma delas.

Começando pela possibilidade de se tratar de uma fíbula de Tipo Acebuchal, deve assinalar-se que as balizas cronológicas deste tipo não são absolutamente consensuais. A grande antiguidade atribuída por S. da Ponte (2001: 177) ao seu Tipo 9, cuja origem situa, na esteira de W. Schüle (1969), no século VIII a.n.e., parece hoje difícil de sustentar, sendo mais plausível a leitura aventada por M. Torres Ortiz (2002: 200), que situa a génese deste tipo de fíbula nos finais do século VII a.n.e..

O período central da sua utilização, contudo, parece ser o século VI a.n.e., momento em que estão presentes em número significativo nos contextos funerários do SW peninsular – v., por exemplo, e para o território português, os exemplares de Alcácer do Sal (Ponte, 1985), Torre de Palma (Langley, Mataloto & Boaventura, 2008) ou da Vinha das Calças (Arruda *et al.*, em preparação) – atingindo também no final da centúria o território da Meseta Norte onde, por outro lado, se propôs a sua continuidade ao longo de praticamente todo o século V a.n.e. (Argente Oliver, 1986-1987: 151). A presença de uma fíbula deste tipo na necrópole sesimbrense sugeriria assim, à partida, uma cronologia que deveria centrar-se nos meados do I milénio a.n.e., algures nos séculos VI-V a.n.e..

Esta data deve confrontar-se, contudo, com um outro dado de importância capital no que diz respeito à datação do Casalão que nos é dado, uma vez mais, por E. da Cunha Serrão, que no levantamento arqueológico do concelho de Sesimbra por si publicado nos anos 90 (Serrão, 1994) dá conta de uma datação absoluta realizada para este conjunto funerário (fig. 7). A datação de ¹⁴C terá sido realizada em 1988 pelo antigo Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (*idem*: 32) sobre uma amostra de osso humano cujo contexto exacto de proveniência não é indicado, não podendo por isso afirmar-se a qual das sepulturas terá pertencido. O resultado não calibrado dessa análise foi de 2290 ±40 BP (*idem*: 58), data que calibrada com recurso ao programa *OxCal* (v. 4.1.7.) para um intervalo de confiança de 2σ (95,4%) indica um intervalo situado entre 407 e 208 cal B.C.

Este resultado destoa, portanto, em boa medida, da baliza cronológica que a eventual adscrição tipológica da fíbula do Casalão ao *Tipo Acebuchal* permitiria propor para o conjunto funerário, apontando antes para uma datação centrada nos séculos IV-III a.n.e.. Esta cronologia ajusta-se bastante melhor à segunda hipótese de classificação antes proposta que, como antes avancei, me parece mais provável.

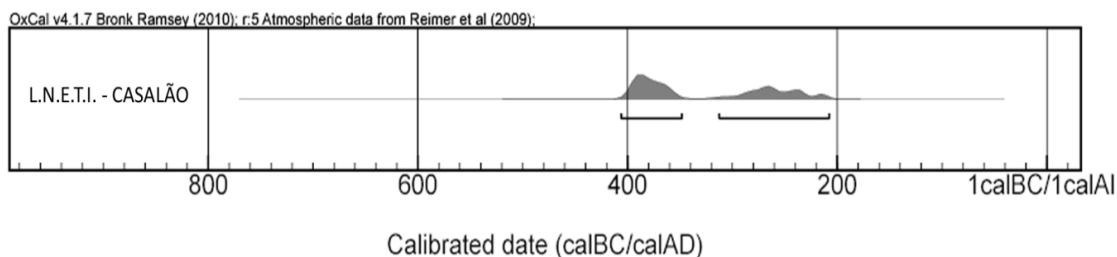


Fig. 7- Resultado da calibração (a 2 s) da datação obtida para a necrópole do Casalão (a partir da data por calibrar publicada em Serrão, 1994)

A cronologia muito ampla (séculos VII-III a.n.e.) atribuída globalmente por S. da Ponte (2001) ao seu Tipo 24, onde se recolhem as fíbulas de esquema La Tène I mais próximas da que nos ocupa, parece difícil de admitir, mesmo tendo em conta as sub-variantes por si recolhidas. Mesmo o intervalo proposto para a variante 24b/2 – onde se encontram os melhores paralelos para a peça do Casalão –, entre os finais do século VI e os meados do III a.n.e. parece muito amplo, podendo por outro lado reter-se a proposta de J. L. Argente (1986-1987: 151) que situa a génese das fíbulas deste tipo em torno a 400 a.n.e., enquadrando-as preferencialmente nos séculos IV-III a.n.e. (*idem*), cronologia que se enquadraria satisfatoriamente com a baliza cronológica sugerida pela datação radiométrica do Casalão.

Devo, contudo, salientar, que ambos os marcadores cronológicos manejados devem ser lidos com as maiores reservas, pois se a cronologia tipológica enfrenta as dificuldades que já comentei a verdade é que a datação radiométrica, realizada em data relativamente recuada, sobre amostra insuficientemente caracterizada e cujo contexto concreto não podemos precisar, tão pouco deve ser tomada acriticamente como resposta definitiva às questões que cercam a cronologia deste conjunto funerário.

Não é, por outro lado, de excluir que esta necrópole, embora aparentemente de pequenas dimensões e muito homogénea do ponto de vista da tipologia sepulcral, possa ter sido utilizado durante um lapso de tempo relativamente alargado (cf., por exemplo, Cardoso & Gradim, 2006: 212, onde se propõe semelhante leitura para a necrópole do Cabeço da Vaca, Alcoutim, onde se exumou um número também reduzido de sepulturas), lapso esse que naturalmente não encontra reflexo numa única datação radiométrica.

Feitas estas ressalvas, ambos os indicadores comentados permitem, contudo, sugerir – ainda que a título meramente hipotético – uma cronologia para esta necrópole algo mais recuada que a originalmente proposta por E. da Cunha Serrão, que avançou para o sítio, como acima referi, uma datação entre o século III e o I a.n.e. (Serrão, 1964: 38); pode com efeito defender-se uma utilização deste espaço sepulcral centrada num momento, difícil de precisar, entre os inícios do século IV e meados do III a.n.e., o que situaria este conjunto sepulcral na transição para os momentos iniciais da chamada II Idade do Ferro do Sul de Portugal.

A NECRÓPOLE DO CASALÃO NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS SIDÉRICAS DO SUL DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

Uma outra via para explorar a integração crono-cultural da necrópole do Casalão, que possibilita de alguma forma reforçar a datação acima sugerida, passa já por um outro nível de análise, contextual e comparativo, confrontando o parco registo do conjunto funerário sesimbrense com os dados disponíveis sobre outros contextos similares, com especial ênfase, naturalmente, para os do actual território português.

Começando pelo tipo de tratamento do cadáver documentado no sítio em análise, deve dizer-se que a prática da inumação parece francamente predominante nos contextos da Idade do Ferro do Sul do actual território português; tem-se assumido, de facto, que este ritual terá sido amplamente maioritário até momentos tardios no bem conhecido núcleo de necrópoles da região de Ourique (Beirão, 1986; Correia, 1993; Arruda, 2001), pesem embora as referências à coexistência destas com incinerações (Correia, 1993: 355-356).

Deve dizer-se, contudo, que a dificuldade em caracterizar quer umas quer outras, devida à quase inexistência de evidências osteológicas conservadas, permitiram já avançar com leituras alternativas, que correlacionam essa ausência de espólios osteológicos com o predomínio, afinal, da incineração (Jiménez Ávila, 2002-2003: 91); esta hipótese, contudo, carece, até nova ordem, de comprovação empírica positiva que só novos trabalhos de campo poderão proporcionar. Já no que às mais recentemente identificadas necrópoles da região de Beja (Santos *et al.*, 2009; Arruda *et al.*, em preparação) diz respeito, a inumação, desta feita taxativamente documentada, parece ser virtualmente exclusiva.

As excepções melhor conhecidas a este padrão documentam-se em contextos costeiros ou com evidentes conexões ao litoral, profundamente influenciados pelos contributos culturais orientais, onde nas necrópoles do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) (Correia, 1928; Paixão, 1970; 1983; Arruda, 1999-2000: 72-86), do Convento da Graça (Tavira) (Arruda, Covaneiro & Cavaco, 2008) e, talvez, de Mértola (Barros, 2008) se documenta a prática corrente da incineração.

A inumação parece por outro lado ser também exclusiva num conjunto de contextos funerários, infelizmente bastante mal conhecidos na sua generalidade, que se identificaram em distintos pontos do Sul de Portugal (fig. 8). Estes contextos, caracterizados pela utilização de monumentos de tipo cista ou derivados para albergar as deposições, estão documentados sobretudo no Barlavento Algarvio, onde ao exemplo melhor conhecido da Fonte Velha de Bensafrim (Veiga, 1891; Rocha, 1972; cf. tb Arruda, 1999-2000: 57) poderiam juntar-se os conjuntos, mal caracterizados, de Corte de Père Jacques e, talvez, do Monte do Cágado (Viana, Formosinho & Ferreira, 1953), todos em Lagos, e o de Cômoros

da Portela (Veiga, 1891: 259), em Silves, bem como o mais recentemente identificado e estudado monumento dos Gregórios (Barros *et al.*, 2008), igualmente em Silves.

O prolongamento para Norte, ao longo do litoral, deste tipo de tradição tumular parece atestada pelas sepulturas da Herdade do Gaio (Sines), de que se conhece sobretudo aquela onde se terá descoberto o célebre “tesouro” (Costa, 1967; 1972; cf. tb. Arruda, 1999-2000: 96-97); este conjunto funerário, embora putativamente mais antigo, poderá também, de acordo com as descrições disponíveis, incluir-se nesta mesma série. A existência de estruturas deste tipo em contextos interiores está também atestada quer no Algarve, onde na necrópole do Cabeço da Vaca, em Alcoutim (Cardoso & Gradim, 2006; 2008), em plena serra algarvia, se documentou a existência de um conjunto de interessantes estruturas de tipo cista contendo inumações claramente enquadráveis na Idade do Ferro, quer já no Baixo Alentejo, onde se escavaram duas sepulturas deste mesmo tipo na necrópole de Corte Margarida, Aljustrel (Deus & Correia, 2005).

Creio que a necrópole do Casalão se deve enquadrar neste grupo concreto de manifestações funerárias, com que partilha um tipo de ritual e de estrutura funerária, ainda que não se tenha documentado uma identidade semelhante ao nível dos espólios, facto que poderá, porventura, imputar-se a factores de ordem socioeconómica; necessitaríamos de um conhecimento muito mais aprofundado sobre as redes de povoamento de meados do I milénio a.n.e. na área de Sesimbra/Península de Setúbal para poder avaliar, de forma mais taxativa, a natureza das comunidades que ocupavam esse território e a sua posição nas malhas de povoamento macrorregionais.

Deve, contudo, dizer-se que os trabalhos sistemáticos de levantamento arqueológico realizados no concelho de Sesimbra documentaram uma situação de «ausência completa de vestígios pré-romanos», em que a «2ª Idade do Ferro, normal-

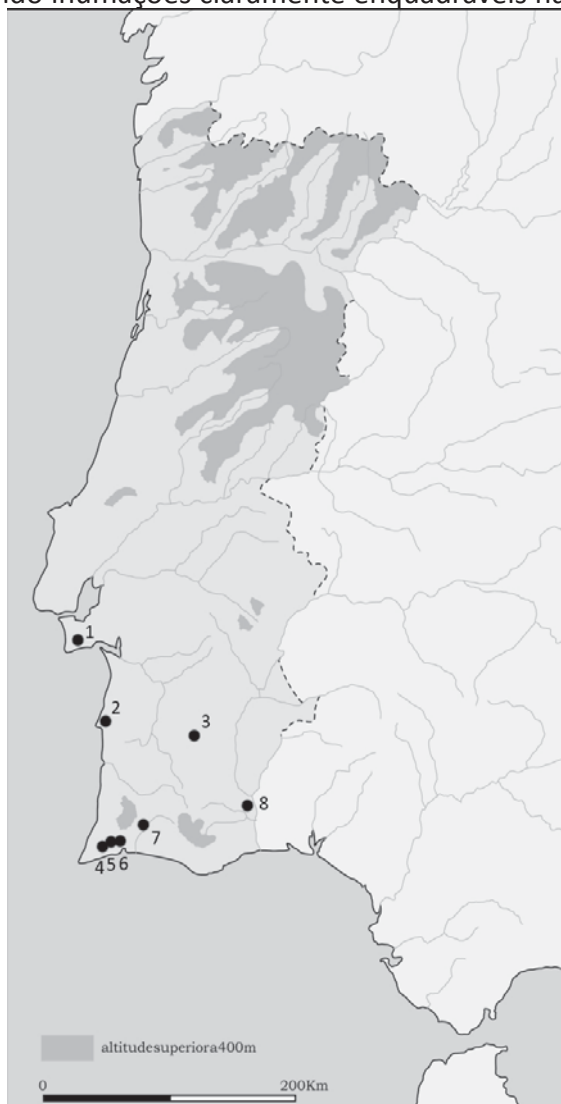


Fig. 8- Necrópoles de cistas de inumação da Idade do Ferro no Sul de Portugal: 1- Casalão (Sesimbra); 2- Herdade do Gaio (Sines); 3- Corte Margarida (Aljustrel); 4- Fonte Velha de Bensafrim (Lagos); 5- Côte de Père Jacques (Lagos); 6- Monte do Cágado (Lagos); 7- Gregórios (Silves); 8- Cabeço da Vaca (Alcoutim).

mente de fácil identificação, prima pelo silêncio» (AA.VV., 2009: 31), facto que poderia apontar para uma marginalidade do território ocidental da Arrábida nas redes de povoamento de inícios da segunda metade do I milénio a.n.e., centralizadas por grandes pólos, como Alcácer do Sal, Almaraz ou Lisboa, ou ainda por outros sítios fortificados de menor entidade, como Chibanes, na Arrábida oriental (Silva & Soares, 1986).

Penso também que, a aceitar-se a integração das sepulturas do Casalão neste grupo de manifestações funerárias, a necrópole sesimbrense deve situar-se no seu limite cronológico inferior. O arco temporal em que se situam as necrópoles de cistas e/ou monumentos derivados anteriormente comentados permanece, em certa medida, uma questão em aberto, visto que ao contrário de outros tipos de manifestações funerárias sidéricas do Sul de Portugal (veja-se o caso das necrópoles de monumentos tumulares da área de Ourique – Correia, 1993; Arruda, 2001; Jiménez Ávila, 2002-2003), nunca foram objecto de qualquer estudo de conjunto (com excepção da análise comparativa realizada para a necrópole do Cabeço da Vaca, *vide* Cardoso & Gradim, 2006: 223-225), facto que sem dúvida se justifica pela sua dispersão geográfica que sugere uma escassa interligação cultural. Creio, não obstante, que uma aproximação integrada a estes contextos funerários permite aduzir algumas considerações adicionais sobre o contexto geral da necrópole do Casalão.

As datações mais seguras disponíveis para as necrópoles que apresentam monumentos de tipo cista ou derivado reportam-se aos contextos algarvios mais recentemente escavados. Assim, e no caso da necrópole do Cabeço da Vaca, os responsáveis da intervenção sugeriram uma cronologia, que me parece perfeitamente ajustada, dos séculos VI-V a.n.e. (Cardoso & Gradim, 2006: 222), tendo sugerido uma diacronia relativamente alargada de utilização com base na diversidade morfológica das sepulturas documentadas (*idem*: 210-213); no que diz respeito à cista dos Gregórios, a cronologia proposta situa-se, fundamentalmente, entre os finais do século VI e os finais do V a.n.e. (Barros *et al.*, 2008: 49), centrando-se quiçá preferencialmente, portanto, nesta última centúria.

Quanto aos restantes contextos do Barlavento, pouco contribuem para esta discussão, visto que os dados disponíveis são pouco conclusivos. O único sítio que forneceu um conjunto ainda assim abundante de dados, a Fonte Velha de Bensafrim, tem vindo a situar-se em momentos ainda enquadráveis no chamado horizonte «Pós-Orientalizante» (séculos VI-V a.n.e.) (Parreira & Barros, 2007: 99), mas a sua efectiva diacronia de utilização permanece por estabelecer; pode, contudo, entrever-se a sua maior antiguidade relativamente aos contextos antes comentados.

O (res)surgimento das estruturas sepulcrais de tipo cista ou derivado destinados a albergar inumações parece, assim, verificar-se em fase tardia da I Idade do Ferro, co-

rrespondendo a momentos conotáveis com o horizonte dito «Pós-Orientalizante», ou já na transição para a II Idade do Ferro, e sobretudo em contextos litorais ou sub-litorais (excepção feita às necrópoles do Cabeço da Vaca e Corte Margarida), convivendo com outros contextos, mais fortemente influídos pelos contributos culturais orientais, onde predomina em absoluto o ritual de incineração.

Não me parece legítimo, dado o número apesar de tudo reduzido de atestações e a sua distribuição geográfica, ampla mas descontínua, afirmar que este conjunto de manifestações funerárias corresponde a um qualquer fenómeno cultural unitário, mas parece-me lícito observar que, independentemente das peças de fabrico exógeno, sempre em número reduzido (excepção feita ao caso, a todos os títulos excepcional, da Herdade do Gaió), exumadas nestes distintos contextos atestarem alguma conexão aos circuitos regionais e supra-regionais de circulação de bens, essencialmente sumptuários, este grupo de necrópoles se associa fundamentalmente a comunidades de certa forma periféricas no que toca aos fenómenos de povoamento mais expressivos deste período – sejam as redes de povoamento de matriz «Orientalizante» do litoral e do estuário dos grandes rios, sejam ainda as expressivas redes de povoamento “rural” do interior alentejano, pelo menos em parte suas contemporâneas –, podendo talvez pensar-se que essa marginalidade ajuda a explicar a persistência – ou o ressurgimento – de soluções funerárias que, na sua formulação, se aproximam de outras documentadas nos mesmos territórios no decurso da Idade do Bronze (cf. Gomes, 1986; Silva & Soares, 1979; 2009). Parece-me, em suma, que a importância histórica da necrópole do Casalão advém, paradoxalmente, da sua inegável modéstia, que pode, creio, ser o efectivo reflexo da existência, na transição para a segunda metade do I milénio a.n.e., de uma complexa, dinâmica e polimórfica malha de povoamento no Sul do território português, caracterizada por uma fragmentação sociopolítica considerável, de que o mundo funerário é apenas mais um reflexo, fragmentação essa ditada por distintos factores, que merecem uma análise extensa e detalhada que não caberia nos limites deste contributo.

Já no que às práticas funerárias diz respeito, a necrópole do Casalão constitui também (mais) uma importante chamada de atenção para a multiplicidade de factores que podem (contribuir para) explicar a diversidade que se vem documentando nos contextos da morte sidéricos do Sul de Portugal, demonstrando plenamente a necessidade de uma análise de tipo contextual, valorizando múltiplas coordenadas, tanto sociais e culturais como económicas e territoriais, facto que justifica, por si só, o revisitar deste negligenciado conjunto funerário.

franciscojbgomes@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA.VV. (2009): *O Tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*, Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra.
- ARGENTE OLIVER, J. L. (1986-1987): “Hacia una clasificación tipológica y cronológica de las fíbulas de la Edad del Hierro en la Meseta Norte”, *Zephyrus*, 39-40, 139-157.
- ARRUDA, A. M. (1999-2000): *Los Fenícios en Portugal. Fenícios y Mundo Indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*, Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5-6, Barcelona, Universitat Pompeu Fabra.
- (2001): “A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4.2, 207-291.
- (2008): “Estranhos numa terra (quase) estranha: os contactos pré-coloniais no sul do território actualmente português”, em CELESTINO PÉREZ, S.; RAFEL I FONTANALS, N. & ARMADA PITA, X. L. (eds.), *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VII a.C.): la precolonización a debate*, Madrid, 355-370.
- ARRUDA, A. M.; BARBOSA, R.; GOMES, F.; SOUSA, E. (em preparação): “Morte no Guadiana em época tartéssica: a necrópole da Vinha das Caliças”, em *Actas de la Reunión Sidereum Ana III, El Río Guadiana y Tartessos*.
- ARRUDA, A. M., COVANEIRO, J. & CAVACO, S. (2008): “A Necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira”, *Xelb*, 8, 117-135.
- BARROS, L. (1998): *Introdução a Pré e Proto-História de Almada*, Almada, Museu Municipal de Almada.
- (2008): “Mértola durante os séculos VI e V a. C.”, em JIMÉNEZ ÁVILA, J. (coord.), *Sidereum Ana I: El río Guadiana en Época Post-Orientalizante*, Madrid, 399-414.
- BARROS, P.; BRANCO, G.; DUARTE, C. & CORREIA, J. (2008): “A cista dos Gregórios (Silves)”, *Xelb*, 5, 41-52.
- BEIRÃO, C. de M. (1986) : *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (Ier Âge du Fer)*, Paris, Éditions du Bocard.
- CARDOSO, J. L. (2000): “Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios A. C.): breve síntese”, em *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Volume 5, Porto, 61-100.
- CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2006): “A Necrópole da Idade do Ferro de Cabeço de Vaca I (Alcoutim)”, *Xelb*, 6, 203-226.
- (2008): “O núcleo II da necrópole da Idade do Ferro de Cabeço de Vaca (Alcoutim)”, *Xelb*, 8, 103-115.
- CORREIA, V. (1928): “Escavações realizadas na necrópole de Alcácer do Sal em 1926 e 1927”, *O Instituto*, 75:2, 190-201.
- CORREIA, V. H. (1993): “As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: arquitectura e rituais”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33.3-4, 51-370.

- COSTA, J. M. da (1967): “O tesouro Fenício ou Cartaginês do Gaio (Sines)”, *Ethnos*, 5, 529-537.
- (1972): “O tesouro púnico-tartéssico do Gaio”, em *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 97-120.
- DEUS, M. de & CORREIA, J. (2005): “Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo”, em CELESTINO PÉREZ, S. & JIMÉNEZ ÁVILA, J. (coords.), *El Período Orientalizante*, Madrid, 615-618.
- DIAS, M^a. M. A.; BEIRÃO, C. de M. & COELHO, L. (1971): “Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo-Alentejo: Ourique. (Notícia preliminar)”, *O Arqueólogo Português*, S.3, 4, 175-219.
- GOMES, M. V. (1986): *A necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular*, Lisboa, IPPC.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002-2003): “Estructuras tumulares en el Suroeste Ibérico. En torno al fenómeno tumular en la Protohistoria peninsular”, em *Homenaje a la Dra. Dña. Encarnación Ruano. Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 42, 81-118.
- KURTZ, W. (2001): “Los hierros de Cancho Roano”, em CELESTINO PÉREZ, S. (dir.), *Cancho Roano VIII - Los materiales arqueológicos I*, Badajoz, 295-347.
- LANGLEY, M.; MATALOTO, R. & BOAVENTURA, R. (2008): “A necrópole sidérica de Torre de Palma (Monforte, Portugal)”, em JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.), *Sidereum Ana I. El Río Guadiana en Época Post-Orientalizante*, Madrid, 283-303.
- LORRIO, A. (2008): “Cuchillos”, em ALMAGRO-GORBEA, M. (dir.), *La Necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos*, Madrid, 566-571.
- MARQUES, R. C. (2005): *Necrópole do Casalão - Sesimbra: contributo para o estudo do material osteológico humano*, Relatório técnico-científico não publicado, Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra.
- MARQUES, R. C. & SILVA, A. M^a. (2009): “Espólio Antropológico do Concelho de Sesimbra”, em AA.VV. - *O Tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*, Sesimbra, 148-151.
- PAIXÃO, A. C. (1970): *A necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. Novos elementos para o seu estudo*, Tese de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Edição policopiada, 2 volumes.
- PARREIRA, R. & BARROS, P. (2007): “Necrópoles do Algarve no 2º e 1º Milénio a.n.e.”, *Xelb*, 7, 89-102.
- PONTE, S. da (1985): “Algumas fíbulas de Alcácer do Sal”, *O Arqueólogo Português*, S.4, 3, 137-153.
- (2001): *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas. Portugal*, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada, 2 volumes.
- ROCHA, A. dos S. (1972): “A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafrim”, em *Memórias e explorações arqueológicas*, 3, Coimbra, 127-141.

- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (ed.) (2004): *El edificio protohistórico de «La Mata» (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*, Cáceres, Universidad de Extremadura.
- SCHÜLE, W. (1969): *Die Meseta-kulturen der Iberischen Halbinsel: Mediterrane und Eurasische elemente in früheisen zeitlichen kulturen südwesteuropas*, Berlim, Walter de Gruyter & Co.
- SERRÃO, E. da C. (1964): *A Necrópole Proto-Histórica do Casalão (Santana - Sesimbra)*, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal.
- (1994): *Carta Arqueológica do Concelho de Sesimbra (desde o Paleolítico até 1200 d.C.)*, Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra.
- SILVA, C. T. da & SOARES, J. (1979): “O monumento I da necrópole do “Bronze do Sudoeste” do Pessegueiro (Sines)”, *Setúbal Arqueológica*, 5, 121-157.
- (1986): *Arqueologia da Arrábida*, Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- (2009): “Práticas funerárias no Bronze Pleno do Litoral Alentejano: o Monumento II do Pessegueiro”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, 389-420.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. da V. (1973): “Der spätbronzezeitliche Kuppelbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal”, *Madriider Mitteilungen*, 14, 60-10.
- SPINDLER, K.; BRANCO, A. de C.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da V. (1973-1974): “Le monumento à coupule de l’âge du Bronze de la Roça do Casal do Meio (Calhariz), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 57, 91-154.
- TREHERNE, P. (1995): “The warrior’s beauty: the masculine body and self-identity in Bronze-Age Europe”, *Journal of European Archaeology*, 3.1, 105-144.
- TORRES ORTIZ, M. (2002): *Tartessos*, Madrid, Real Academia de la História.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1891): *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Lisboa, INCM.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. da V. (1953): “De lo prerromano a lo árabe en el museo regional de Lagos”, *Archivo Español de Arqueología*, 26, 113-138.
- VILAÇA, R. (2006): “Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do território português: Novos contributos e reavaliação dos dados”, *Complutum*, 17, 81-101.
- (2008): “Reflexões em torno da «presença mediterrânea» no Centro do território português, na charneira do Bronze para o Ferro”, em CELESTINO PÉREZ, S.; RAFEL I FONTANALS, N. & ARMADA PITA, X. (eds.), *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VII a.n.e): la precolonización a debate*, Madrid, 371-402.
- (2009): “Sobre rituais do corpo em finais do II milénio/inícios do I milénio a.C.: Do espaço europeu ao território português”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, 489-512.
- (2012): “Casalão”, em ALARCÃO, J. & BARROCA, M. (coords.), *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto, 84.
- VILAÇA, R. & CUNHA, E. (2005): “A Roça do Casal do Meio (Calhariz, Sesimbra): novos contributos”, *Al-madan*, 13, 48-57.